

***Um sacerdote integral:
o padre João Maria na narrativa do
monsenhor Alves Landim
(Natal – RN, 1933-1936)***

Antonio Ferreira de Melo Junior¹

Recebido em junho de 2013;

Aprovado em julho de 2013.

RESUMO

No ano de 2002, por iniciativa de um grupo de católicos de Natal, foi aberto o processo de beatificação do padre João Maria Cavalcanti de Brito (1848-1904). Nosso trabalho discute a presença do padre João Maria na narrativa do monsenhor Alves Landim, autor da primeira biografia do referido padre, em 1935. A nossa hipótese é a de que em 1935, momento de crise das organizações familiares norte-rio-grandenses e do Levante Comunista, surgiu em Natal uma identidade católica pautada no padre João Maria, no que o monsenhor Landim foi fundamental. Considerando a ideia de uma história efetual (GADAMER, 2004), lançamos mão de textos clássicos da estética da recepção (GUMBRECHT, 2004; ISER, 1996) e, como fontes, destacamos os escritos do monsenhor Landim, os Jornais *A Ordem* e *A República* e as atas das reuniões da Irmandade do Santíssimo Sacramento e a do Senhor Bom Jesus dos Passos.

Palavras- chave: Padre João Maria; Monsenhor Landim; identidade católica.

ABSTRACT

In 2002, on the initiative of Catholics of the city of Natal, opened the process of beatification of Father João Maria Cavalcanti de Brito (1848-1904). Our paper discusses the presence of Father João Maria in the narrative of Monsignor Alves Landim, constructor of the first biography of this priest, in 1935. Our hypothesis is that in 1935, the crisis moment of family organizations of the Rio Grande do Norte and of the Communist Levant, emerged Catholic

¹ Licenciado e bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista REUNI e orientando PIBIC do projeto *A influência do pensamento católico na formulação do anticomunismo e sua importância na formação da identidade norte-rio-grandense*, orientado pelo Prof. Dr. Renato Amado Peixoto (PPGH/Departamento de História - UFRN). E- mail: antoniofdelelojr@yahoo.com.br.

identity in Natal based in the Father João Maria, influenced by the writings of Monsignor Alves Landim. We are considering the existence of an effectual history (GADAMER, 2004) and the importance of the classical texts of the Aesthetics of Reception (GUMBRECHT, 2004; ISER, 1996). Our historical sources: the writings of Alves Landim and the Newspapers *A Ordem* and *A República* and books of the meetings of the Irmandade Santíssimo Sacramento and the Irmandade Bom Jesus dos Passos.

Keywords: Father João Maria; Monsignor Alves Landim; catholic Identity.

INTRODUÇÃO

Alcançando uma graça por intermédio do padre João Maria, favor contactar pelo endereço e telefone abaixo. Que Deus o abençoe (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES, 2010, fl. 2v).

O trecho acima expressa o esforço que os fiéis católicos de uma paróquia do bairro de Petrópolis, na Zona Leste de Natal, vêm empreendendo para a aceleração do processo de beatificação do padre João Maria Cavalcanti de Brito (1848-1904), doravante referido como João Maria, processo este aberto em 2002. Esse mesmo grupo de fiéis cuida da praça que leva o nome do clérigo, limpando-a e ornamentando-a com flores.

Nosso texto objetiva discutir a presença do padre João Maria na narrativa² do monsenhor José Alves Landim (1887-1968), cuja escrita foi responsável pela primeira biografia do referido padre, em 1935. Relacionaremos tal escrita ao projeto da Diocese de Natal, que em 1935 fundou o Jornal *A Ordem*, que passará a ser o seu órgão oficial.

Partimos da premissa de que as referências ao sistema religioso são imprescindíveis para a compreensão das ações políticas da Igreja Católica (MAINWARING, 1989) e trabalharemos por meio das hipóteses formuladas por Renato Amado Peixoto em *A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte* (PEIXOTO, 2012) e *Católicos a postos!* (PEIXOTO, 2010a) de que a atuação da Igreja Católica no estado se caracterizou por uma estratégia espacial que traduzia as condições do nacional no local, cuja implantação transformou e condicionou a sociedade e a política norte-rio-grandense.

² Entendemos por *narrativa* “o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita mas coincidente com ela; que é pois *constitutiva* de seu objeto [...]” (LIMA, 1989, p. 17).

[...] a ‘Crise de 1935’ se constitui num reflexo das tensões entre a produção de uma identidade e de uma espacialidade estadual, que se tornam mais agudas no contexto pós-Revolução de 1930. As Intervenções e o papel desempenhado pelos Interventores no estado até 1935 evidenciam um choque das organizações familiares desinstaladas do governo estadual não apenas com governantes indicados pelo governo central, mas também com elites cooptadas nesse processo. Especialmente examinado o caso de Mário Câmara, o último interventor, entendemos que aquilo que foi descrito pela historiografia como as disputas políticas entre os Interventores e as oligarquias estaduais deve ser adensado por uma análise das relações entre as organizações familiares e as elites que estavam desalojadas do poder tanto na escala do local quanto do estadual desde o início da República. Foi a partir deste dissenso que se devem compreender as proporções do confronto que se evidenciou nos confrontos e na violência que caracterizaram as eleições de 1934 e de 1935 no Rio Grande do Norte. Este quadro se complementa com a manipulação dos processos identitários que sustentaram ideologicamente as organizações familiares e a narrativa da disputa após 1935 [...] A atuação da Igreja Católica na ‘Crise de 1935’ [...] deve ser entendido enquanto potencializada por um processo que se desenvolve na escala do nacional [...] nesse processo a atuação da Igreja se volta para o aproveitamento das brechas de poder e da espacialidade estadual que propiciam à Igreja expandir sua influência por meio de uma base de poder que considera as tensões e as disputas na escala do estadual. Foi nesse sentido que se estimulou durante a Primeira República a expansão da uma rede diocesana que influenciou sobremaneira a política brasileira no século XX. Assim, entendemos que a Diocese de Natal teve participação decisiva na ‘Crise de 1935’, uma vez que suas estratégias e atuação desencadearam, estimularam ou potencializaram diversos acontecimentos do período (PEIXOTO, 2012, p. 296-297).

Por conta disto, compreendemos que a Diocese de Natal incentivou a construção de uma identidade católica pautada na figura do padre João Maria e que no processo dessa elaboração os escritos do monsenhor José Alves Landim desempenharam um papel fundamental.

Destacamos como fontes os seguintes escritos do monsenhor Landim: *Um perfil de sacerdote* (1936), *Segundo Livro de Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação [Diocese de Natal]* (1930-1944) e uma carta endereçada a um preso envolvido no Levante de 1935 (1936), além disso, analisaremos textos da imprensa de Natal, notadamente dos Jornais *A Ordem* e *A República*, e citaremos as atas das reuniões da Irmandade do Santíssimo Sacramento e a do Senhor Bom Jesus dos Passos. Fixar-nos-emos no recorte entre 1933 e 1936, pelo fato de o monsenhor Landim aparecer mais frequentemente na documentação referente a este período.

Como entendemos que o estudo envolvendo as atividades do padre João Maria e a prática historiográfica do monsenhor Landim influencia os sujeitos envolvidos no projeto

católico norte-rio-grandense e interfere na produção historiográfica ainda hoje, consideramos que estamos diante de uma *história efetual*, nos termos colocados por Hans-Georg Gadamer (2004). Para a análise dos textos, lançamos mão dos escritos de Hans Ulrich Gumbrecht (2004) e de Wolfgang Iser (1996), ambos articuladores da estética da recepção, referenciando-nos teórica e metodologicamente, do mesmo modo que em respeito à noção de identidade, abordada a partir dos escritos de Jörn Rüsen (RÜSEN, 2004, p. 135-158), (RÜSEN, 2012, p. 45-59).

MONSENHOR ALVES LANDIM COMO REPRESENTANTE DA DIOCESE DE NATAL

O papel de monsenhor José Ferreira Alves Landim deve ser dimensionado dentro das novas condições políticas oriundas da década de 1930. Desde o início da República em 1889, as lideranças políticas brasileiras vêm do que hoje consideramos a região sudeste do Brasil: Rio de Janeiro, outrora centro administrativo imperial e capital do Brasil; e São Paulo e Minas Gerais, cujas oligarquias ganharam força com o governo de Campos Sales na presidência da República (1898-1902). Na década de 1930, contudo, o cenário passou a ser outro: a Revolução de 1930, como um movimento de militares e oligarquias dissidentes, produziu uma clivagem no cenário político brasileiro ao trazer novas lideranças políticas, proporcionando-lhes papéis de envergadura (o exemplo precípua é o de Getúlio Dornelles Vargas, que chegou até a presidência). Nesse sentido, os anos que decorrem entre outubro de 1930 e novembro de 1937 podem ser caracterizados como “dominados por conflitos e negociações, violentos e delicados, conformadores de uma ‘incerteza’ que só cessou quando as forças vitoriosas definiram que entre o povo e o governo não haveria mais intermediários” (GOMES, 2000, p. 515). Ângela de Castro ainda nota que para tal supressão de intermediários foi fundamental a negação de “uma sociedade fundada no dissenso, postulando-se uma tendência à unidade em todos os aspectos, fossem econômicos, sociais, políticos ou morais (identificação entre Estado e nação)” (GOMES, 2000, p. 516).

Na busca da unidade brasileira e da supressão de intermediários, a relação entre Vargas e a elite política norte-rio-grandense era deveras tensa. Dada a ascensão de Vargas no pós-1930, o estado passou a ser governado por interventores enviados pelo poder central, sendo que entre 1930 e 1935 o Rio Grande do Norte teve cinco interventores diferentes. Como mostrou o sociólogo José Antônio Spinelli (SPINELLI, 1996, p. 127-128), o momento entre 1933 e 1935 marca uma crise política entre as organizações familiares locais e o poder

central, porque o Partido Popular, formado pela matriz do antigo Partido Republicano, ganha as eleições para a Constituinte em maio de 1933 e nas eleições estaduais de outubro de 1934, impondo derrotas duras a Getúlio Vargas. Tal crise só chegou ao fim em 1935 quando, em virtude do Levante Comunista e da radicalização das disputas políticas, o poder local e o nacional novamente se unem em prol da manutenção da ordem.

Paralelamente, a Diocese de Natal se encontra em pleno desenvolvimento temporal acelerado, exemplificado e fomentado a partir de 1929 pela fundação do Jornal *A Ordem*, pela formação de intelectuais católicos norte-rio-grandenses, como Otto de Brito Guerra, por exemplo, e pelo aumento no número de fiéis (FERRARO, 1968, p. 45-51), além do projeto de construção de uma Nova Catedral e da chegada do novo bispo, Dom Marcolino Esmeraldino de Souza Dantas. A tensão entre Vargas e as organizações familiares³ norte-rio-grandenses é aproveitada pela Igreja no intuito de atuar politicamente. O papel político de destaque da Igreja pode ser endossado, ainda, porque os revoltosos comunistas invadiram as dependências do jornal *A Ordem* em 1935 e destruíram os seus equipamentos, numa resposta clara ao fortalecimento da Igreja⁴.

Assim sendo, é preciso entender que “a ‘Crise de 1935’ se constitui num reflexo das tensões entre a produção de uma identidade e de uma espacialidade estadual, que se tornam mais agudas no contexto pós-Revolução de 1930” (PEIXOTO, 2012, p.295), como também que “a Diocese de Natal teve participação decisiva na ‘Crise de 1935’, uma vez que suas estratégias e atuação desencadearam, estimularam ou potencializaram diversos acontecimentos do período” (PEIXOTO, 2012, p. 296).

A partir desse raciocínio, é possível pensarmos os escritos do monsenhor Landim enquanto constituintes de uma identidade católica e para isso, objetivamos apresentar, neste tópico, argumentos no sentido de entendermos que monsenhor Alves Landim surge como um dos principais representantes da Diocese de Natal entre 1933 e 1936.

José Ferreira Alves Landim nasceu no município alagoano de Pão-de-Açúcar no ano de 1887, e mudou-se para o seminário de Olinda em 1900, onde realizou seus estudos e

³ Entendemos por *organização familiar* “[...] um modelo que formou estruturas complexas de parentesco, norteadas por um sistema preferencial de escolhas que ultrapassava as limitações religiosas e onde cada casamento não se constituía num caso isolado, mas que compunha parte de uma série que nos permite postular uma teoria geral de um sistema que só é passível de ser reconhecido no nível do grupo” (PEIXOTO, 2010b, p. 181) – para compreensão do conceito de *organizações familiares* em face do conceito de *oligarquia* e sua utilização para a investigação do caso norte-rio-grandense ver PEIXOTO, 2012, p. 24-25.

⁴ “[...] podemos entender que *A Ordem* não era apenas um periódico publicado pela Igreja, mas um diário que veiculava um pensamento e buscava articular e orientar uma atuação político-social-moral de maior envergadura, enxergando o local em sincronia e não em dependência do exterior, entendendo suas transformações e procurando se adaptar a elas” (PEIXOTO, 2010a, p. 6).

tornou-se presbítero. Em Recife, atuou como vigário de algumas paróquias e chegou a ser secretário do Bispo, diretor do Colégio Santo Antônio e diretor do jornal *Alto Sertão*. Em 1923, já como monsenhor, ele foi convidado pelo próprio bispo de Natal, então José Pereira Alves, para integrar a Diocese de Natal (BEZERRA, 1985, p. 90), dado este reafirmado em seu livro de memórias (LANDIM, 1950, p. 50-51). Assim sendo, monsenhor Landim pode ser considerado como um daqueles “filhos da Igreja” analisados por Sérgio Miceli (MICELI, 1985, p. 102- 116), os quais deviam o seu *status* e sua promoção material exclusivamente à instituição eclesiástica.

Sendo um “filho da Igreja”, com larga experiência na burocracia da mesma, monsenhor Landim vai ser importante para a organização da Diocese⁵. Ele vai participar de dois bispados ajudando na transição de um para o outro (do bispado de D. José Alves para o de D. Marcolino); e no bispado de D. Marcolino⁶, vai ser constituído Visitador Diocesano em 1933, com isso, ficando evidente a importância do monsenhor para a Diocese de Natal na década de 1930.

No entanto, a importância de monsenhor Landim ultrapassa isso. Acreditamos ter ele se tornado mesmo um representante da Diocese de Natal: em 1934, monsenhor Luiz Gonzaga do Carmo escreveu a respeito do Congresso Eucarístico Internacional, a ser realizado em outubro do mesmo ano na Argentina: “o 32º Congresso Eucarístico Internacional vai ser a mais concorrida e suntuosa manifestação católica na América do Sul, entre todos os tempos” (A REPÚBLICA, 15 set.1934, p. 2). Assim sendo, seria de se esperar que Dom Marcolino, pelo lugar ocupado na hierarquia católica, fosse representar a Diocese de Natal no Congresso. Contudo, lemos em uma página posterior do mesmo Jornal, na parte em que se discorre sobre uma celebração na Catedral:

Com a palavra, monsenhor Alves Landim, assistente eclesiástico da Irmandade do Santíssimo, aproveitou o momento para despedir-se dos presentes, por ter de viajar no dia seguinte para Buenos Aires, onde vai representar a Diocese natalense no grande Congresso Eucarístico Internacional a realizar-se na capital portenha [...] (A REPÚBLICA, 28 set.1934, p. 2).

⁵ A ideia de organização da paróquia é recorrente entre os padres e os bispos de Natal anteriores a 1930. Ver: ALVES, 1923; FAGUNDES, 2011, especialmente p. 93-97.

⁶ Marcolino Esmeraldino de Souza Dantas (1888-1967): nasceu em Inhambupe e assumiu a Diocese de Natal em 1929, tornando-se aí o quarto bispo católico da cidade. O seu bispado foi marcado pela longa duração, pela rigidez doutrinária e por traços conservadores. Sobre ele, ver: MEDEIROS, 2009.

Fica claro, pelo trecho acima, que os integrantes da Igreja, por meio de veiculação na imprensa, num período em que o jornal *A Ordem*, o porta voz da Diocese de Natal a partir de 1935, ainda não circulava, entendiam monsenhor Alves Landim enquanto o representante da Diocese. Isso significa que tal entendimento pode ser generalizado para a Diocese como um todo, uma vez que o beneplácito do Bispo era certo. É importante ressaltar que o Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires foi filmado e que o filme foi propagandeado muitas vezes pela imprensa (*A REPÚBLICA*, 03 jan.1935), o que mostra a dimensão desse evento para a Igreja.

Essa representação foi ratificada, no âmbito local, pela redação dos Livros de Tombo da Diocese. Aqui cabe uma explicação dessa particularidade: o Livro de Tombo propõe-se a apresentar as principais ações realizadas pela paróquia em determinado número de anos, dando-nos acesso, por assim dizer, a uma coletânea dos principais fatos ocorridos em Natal à luz da religiosidade católica. Festas, homilias e celebrações sacramentais são recorrentes nas páginas desses Livros. No caso, observamos que a redação do segundo (1930-1944) e do terceiro (1944-1960) Livros da Diocese coube ao monsenhor Alves Landim.

Logo na primeira página do Segundo Livro de Tombo, o redator apresenta-se como autorizado por Dom Marcolino. Dando início à descrição dos fatos, a princípio a escolha não impressiona: festas religiosas, catecismo, horário das missas e das orações, procissões, etc. Tudo esperado, em se tratando de um sistema religioso católico. No entanto, chama a atenção na escrita do monsenhor Alves Landim a evidência a encontros religiosos que, embora referidos à Diocese, não ocorreram no espaço circunscrito por ela. São exemplos: o Congresso Eucarístico Internacional e notícias da imprensa pernambucana, notadamente do *Jornal de Recife*. Na nossa visão, isso se deve à própria autoconsciência do monsenhor como um personagem representante para a Diocese. De fato, são muitas as passagens em que os feitos do redator são exaltados: os sermões dele, as conferências em Pernambuco, o espaço “meus discursos”, telegramas particulares, etc. Nesse sentido, estamos diante de uma narrativa em que a história da Diocese aparece, necessariamente, como a história do seu autor.

A partir de 1934, percebemos que a escrita em primeira pessoa vai aos poucos se tornando predominante. Uma das passagens inaugurais desse processo é o elogio à Assembléia Constituinte, entendida como uma “carta magna que responde ao ambiente e às tradições nacionais, [que] vai dando conta de sua grandiosa e patriótica missão” (LANDIM, 1934, fl. 8v). Depois dessa passagem, segue um elogio ao deputado José Ferreira de Souza, por meio de um telegrama pessoalmente enviado ao deputado (LANDIM, 1934, fl. 8v).

Para termos ideia dessa subjetivação da história da Diocese, é salutar lembrar que a experiência no Congresso Eucarístico Internacional ocupa onze folhas (12- 17v). Assim ele significou essa experiência, com traços muito pessoais:

De minha retina, de meus ouvidos, de minha memória, de meu espírito não se poderão jamais apagar as fortes impressões ali recebidas. Tudo lá foram homenagens, aplausos, vivas ao nosso Rei imortal. (LANDIM, 1935, fl.17 v).

Além disso, o papel de representante ocupado pelo monsenhor Alves Landim foi reconhecido pelos próprios fiéis. Entre 1935 e 1936, os militares prenderam centenas de indivíduos supostamente envolvidos no Levante Comunista. Alguns homens, acusados de envolvimento no Levante, se identificaram como católicos, concordando com a oposição entre catolicismo e comunismo. Para legitimarem a identificação, eles enviaram cartas ao monsenhor Alves Landim, de modo a obterem a prova de sua “catolicidade”. No processo criminal de Nizário Gurgel, o acusado envia correspondências ao monsenhor no dia 10 de outubro de 1936. O monsenhor lhe respondeu: “a prova que lhe posso dar e que merece fé são os certificados de seus casamento [*sic*] e do batismo de seus filhos”, se prontificando a procurar outros documentos (LANDIM, 1935, fl. 2453). O fato é que o parecer do monsenhor Landim é levado em conta para a libertação de Nizário Gurgel.

O respaldo dos fiéis e do clero também pode ser evidenciado pela participação do monsenhor Alves Landim nas irmandades. Entre 1930 e 1936, aparece constantemente no *Jornal A República* sua participação nas procissões e celebrações para os irmãos das Irmandades de Natal. Theodorico Caldas, provedor da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, o descreve como “o nosso infatigável vigário” (CALDAS, 1936, p. 17). A Irmandade do Santíssimo, em sua ata de 1933, por seu turno, o descreve como o “Virtuoso Vigário desta Cathedral”.

Convencidos, pois, da importância do monsenhor Landim para a compreensão da religiosidade católica e da política da cidade de Natal na década de 1930, analisaremos os seus escritos, de modo a mostrarmos o seu papel na construção de uma identidade operante na Diocese de Natal, particularmente no recorte entre 1933 e 1936.

SER CATÓLICO NA DIOCESE DE NATAL: O PADRE JOÃO MARIA COMO UM EXEMPLO

Natal- o “caes da Europa, foi o cenário escolhido por Deus para a ação mais ampla e decisiva do padre exemplar, do vigário modelo, do varão santo, que será sempre lembrado e chorado, como uma visão que se foi, é verdade, mas que ainda enche de consolo e alívio aos que sofrem e choram na vida [...] (LANDIM, 1936, p. 89).

E será essa, verdadeiramente, a hora da Saudade, quando o poente se vestir de cores violáceas e os lírios se abrirem, ao frescor da tarde serena: pois, foi numa tarde triste, mas serena e florida, que, à bordo de um túmulo, nos despedimos do inesquecível pastor e amigo- o padre João Maria (A REPÚBLICA, 24/10/1940, p. 7).

Fé, esperança e caridade foram a Suma Teológica do Padre João Maria. Identificou-se plenamente com a sabedoria do Eclesiástico e dele tirou grande proveito espiritual livrando-se das vaidades, do desapego aos bens terrestres [...] (MELQUIÁDES, 1977, fl. 12).

Os trechos acima procuram evidenciar uma retomada paulatina da figura do padre João Maria pelos fiéis católicos e que esse tipo de retomada encontra-se legitimada pela narrativa do monsenhor Alves Landim.

Com efeito, os trabalhos antigos e recentes sobre o tema dispõem monsenhor Landim como o primeiro produtor de uma história do Santo (BARROS NETO, 2002; BOANERGES, 1956; NAZARENO, 1951, p. 97-104). É forçoso notar que os títulos de todos os textos referentes ao padre João Maria encontram-se escritos em Landim (1936). Nesse sentido, entendemos que a narrativa do monsenhor Landim e as obras desdobradas a partir dela funcionam como “produções de presença”, por produzirem um novo relacionamento espacial e sensorial entre objetos tangíveis e corpos humanos, fazendo emergir atitudes consideradas metafísicas (Cf. GUMBRECHT, 2004, p. XIII- XV), do que é exemplo a concepção de um padre como um Santo⁷. Por outro lado, a condição de “objetos” pode ser ressaltada, ainda, porque desde 1919 a antiga Praça da Alegria recebeu o nome de Praça Padre João Maria, ganhando um busto do padre supracitado e tornando-se palco de celebrações católicas quando do aniversário de morte do Santo. Entendemos, igualmente, que essa produção de presença não se encontra fora do campo político, o que é perceptível pelas movimentações no dia 24 de

⁷ Acreditamos que a ideia de *produção de presença* desenvolvida por Hans Ulrich Gumbrecht (2004), ao retomar a filosofia de Heidegger e uma concepção peculiar de metafísica, elementos que a historiografia tendeu a dispor como a- históricos, permite a apreensão do pensamento conservador católico, na medida em que este tem como princípio a necessidade de parar o movimento histórico. Sobre as bases teóricas do pensamento católico conservador, ver: MANOEL, 2004, especialmente os capítulos 3 e 4. Ver também: RODRIGUES, 2005, capítulos 1 e 2.

outubro. Data de morte do padre João Maria, esta efeméride marca também o Golpe de Estado que veio a embasar a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e disso a imprensa norte-riograndense estava consciente, pois se comemorava igualmente a implantação do Estado Novo (A REPÚBLICA, 24 out. 1941).

Na continuação deste raciocínio, examinaremos dois textos do Monsenhor Alves Landim: o artigo escrito para o Jornal *A Ordem* em 14 de julho de 1935 e o livro *Um perfil de sacerdote*, o qual, embora só publicado em 1936, foi escrito em 1935, como mostram o *Nihil obstat* e o *imprimatur* de Dom Marcolino no início da obra, datando de 07 de julho (LANDIM, 1936, p. 1). O livro, portanto, é anterior ao artigo, e foi recebido como elemento de iniciativa exemplar pelo próprio Papa Pio XI o qual, por meio do secretário Eugênio Pacelli, escreveu uma carta de agradecimento ao monsenhor Alves Landim (A ORDEM, 24 jul. 1936, p. 1).

Entendemos que, tendo o padre João Maria como um modelo, monsenhor Landim objetiva em seu livro apresentar traços biográficos do Santo, no intuito de que este se torne modelo para outrem. Ele justifica essa operação com a associação entre patriotismo e catolicismo, argumentando que a história do padre João Maria tem “rasgos de patriotismo e fulgores de fé” e que “O amor ao Brasil e ao Catolicismo reclama que este tesouro venha a público” (LANDIM, 1936, p. 5)⁸.

Nessa associação entre patriotismo e catolicismo, o principal inimigo identificado pelo monsenhor Landim é o comunismo. No ano de 1934, o Segundo Livro de Tombo apresenta um discurso do monsenhor Landim no seminário de Olinda. Nessa parte, ele destaca a importância dos padres para o desenvolvimento da sociedade, mostrando que as várias profissões de destaque na sociedade (engenheiro, advogado, professor) apenas se preocupam com o “horizonte de vida presente”. O padre seria diferente:

Só o padre olha mais longe e mergulha o raio de sua ação além da terra: nas passagens do sofrimento. Ele arrebanha homens e sabe que é pastor de estrelas; é guieiro de pecadores e prepara santos para o céu (LANDIM, 1934, fl. 26).

É nesse espírito que o padre João Maria é tornado um significado para a cidade de Natal e, com isso, se abria uma discussão sobre o combate aos comunistas, haja vista que eles aparecem nesse tipo de narrativa como essencialmente contrários aos padres. Com efeito, os

⁸ A narrativa do monsenhor Landim caiu, por assim dizer, em solo fértil. Desde o final do século XIX, desenvolveu-se na historiografia do Rio Grande do Norte, sob influência das *organizações familiares*, a ideia de associar um clérigo ao progresso e ao Estado. Ver: ALMANAK DO RIO GRANDE DO NORTE, 1897, p. 1- 22, no qual são descritas as ações do padre Miguelinho.

comunistas são, aqui, os “inimigos dos padres” (LANDIM, 1934, fl. 26)⁹. Para monsenhor Landim, essa inimizade decorria de um equívoco, não dos comunistas, mas sim dos padres. Ele argumenta que os padres se aliaram aos ricos e poderosos e acharam que isso por si só bastava para a difusão da religião católica, esquecendo-se, assim, dos pobres. A consequência disso teria sido o rancor dos pobres que fortaleceu os comunistas. Diante disso, ele considera necessário

[...] buscar pois os pobres. Evangelizar aos pobres, foi o gesto do Mestre. Com os pobres, bem juntos deles desfaremos o equívoco e ainda poderemos salvar o mundo desta bandeira vermelha que se vem desfraldando por aí afora (LANDIM, 1934, fl. 26v).

Além da oposição aos comunistas, existe na obra a oposição à maçonaria. No Brasil, a chamada Questão Religiosa tornou-se uma questão de Estado na qual Dom Vital, então bispo de Olinda, teve papel proeminente. No caso do Rio Grande do Norte, o que mais chamou a atenção na Questão foi a excomunhão do padre Bartolomeu da Rocha Fagundes, por este ter se negado a abandonar as lojas maçônicas. Na passagem do século XIX para o XX em Natal estava claro que ser católico era muito distinto de ser maçom¹⁰.

A escrita do monsenhor Landim não deixa isso escapar. Para ele, padre João Maria foi o único elemento realmente grande surgido em Natal durante o século XIX. Muito diferente do padre Fagundes, considerado apóstata, João Maria ficou com a Igreja, foi a “voz dela”, pois ele, muito inteligente (assinava e lia uma revista em francês) conservou-se modesto. Nas palavras do próprio monsenhor Landim, ele sabia que “lhe cabia um recanto mais obscuro e modesto onde trabalharia com os olhos mais em Deus para abençoá-lo, do que nos homens para aplaudi-lo” (LANDIM, 1936, p.93). As críticas ao padre João Maria, contudo, não deixaram de existir, uma vez que fica colocado por monsenhor Landim que “Tais expressões cabiam bem nos lábios de certos maçons que ainda traziam as cicatrizes produzidas pelo azorrague que os pulsos fortes de d. Vital souberam tanger com tanta segurança” (LANDIM, 1936, p. 94).

⁹ O norte-rio-grandense padre J. Cabral, de longe um dos principais expoentes na formulação do anticomunismo católico, escreveu uma resenha da obra elogiando o monsenhor Landim quando “até mesmo os próprios catholicos se esquecem de seus deveres para com os representantes de Deus” (A ORDEM, 29 nov. 1936). Sobre a formulação do anticomunismo brasileiro, ver: MOTTA, 2002, que trabalha a ideia de que o anticomunismo católico agregou os diversos anticomunismos e potencializou o discurso anticomunista no Brasil. Das obras formuladoras do anticomunismo, ver: CABRAL, 1933, especialmente os capítulos 6 e 7 (parte I), 4 e 5 (parte II), 8, 9, 10 e 11 (parte III), 1, 2, 4, 5 e 7 (parte IV); CABRAL, 1936; e CABRAL, 1949, capítulos 1, 2, 9, 17, 29, 30, 34, 64 e 68.

¹⁰ Sobre a Questão Religiosa, ver: ARRAIS, 2004, p. 254-359. Sobre a repercussão da Questão no Rio Grande do Norte, com base em fontes oriundas da Maçonaria, ver: SILVA, 2011, especialmente o capítulo 3.

Apesar da oposição aos maçons, percebemos pela citação acima certa tentativa de conciliação em relação à maçonaria: com efeito, monsenhor Landim parece imputar as críticas ao padre João Maria e, portanto, à Igreja, a uma geração de maçons marcados pela atuação de d. Vital. Dá-se a entender que existem maçons que não criticam a Igreja; que estão próximos dela. Como ele sublinhou, citando o senso de humor e o prognóstico de João Maria, a República veio forte (“braba”), mas futuramente se acalmaria (“amansaria”) (LANDIM, 1936, p. 113).

Portanto, por meio do exame até agora empreendido, percebemos que virtudes como apego aos mais pobres, humildade e fidelidade à doutrina da Igreja são elementos dispostos pelo monsenhor Landim como fundamentais para se pensar a santidade do padre João Maria e, assim, para também pensar a oposição aos comunistas e aos maçons. Assim fazendo, ele constrói uma identidade católica pautada na presença do padre João Maria. Vejamos os demais elementos identificados pelo monsenhor e relacionemos isso ao texto do jornal *A Ordem*.

Outros atributos são direcionados ao padre João Maria. A piedade dele seria algo natural, exemplar e distinta, pois se materializaria na dedicação total aos sacramentos, especialmente o da confissão, com o esforço incondicional de ministrá-los aos fiéis. Ele andava a cavalo por vários quilômetros nessa intenção. Essa prática, que por si só diferenciava a piedade do padre João Maria, escreve monsenhor Alves Landim, era uma piedade esclarecida: ele lia francês, assinava uma revista nessa língua. Esse esclarecimento seria traduzido na boa relação do padre com os fiéis (LANDIM, 1936, p. 95). Assim, podia anotar o autor que “o coração do padre João Maria era um tesouro de bondade” e sua caridade, “completamente cega”, de tal modo que “pedir-lhe era ter a certeza de ser atendido” (LANDIM, 1936, p. 99).

Nessa dinâmica de ter a certeza de ser atendido, o padre João Maria é caracterizado por um profundo zelo pela Igreja. Foi assim que ele teria se tornado o “pai dos negros forros”, como um dos principais motivadores da abolição de escravos no Rio Grande do Norte.

Humildade, inteligência, apego aos pobres e fidelidade à doutrina da Igreja são, portanto, os elementos atribuídos pelo monsenhor Alves Landim (1936) ao padre João Maria, de modo a mostrar a importância dele para o Rio Grande do Norte. No capítulo intitulado “Oito de setembro”, nome de um jornal comandado pelo padre João Maria durante o final do século XIX, ele sintetiza o padre João Maria como um sacerdote integral:

João Maria era um sacerdote integral: zeloso pela salvação das almas, desprendido do que era da terra, para pregar melhor o que era do céu, ele o fez sempre com a palavra, com o exemplo e, até mesmo, com a pena de jornalista (LANDIM, 1936, p. 115).

Essa síntese, cujo novo elemento é o jornalismo, vai ser retomada no jornal *A Ordem*, de 14 de julho de 1935. No entanto, há um deslocamento de sentido concernente ao padre João Maria na apropriação do escrito do monsenhor Landim pelo órgão oficial da Diocese de Natal. Segundo Wolfgang Iser, a repetição de um texto já o altera, pois, ao ser enfatizado um ponto de vista, a realidade é excedida (ISER, 1996, p.11). Nesse sentido, a seleção do texto é compreendida a partir da potencial mudança de referência do texto, um acontecimento, inserida em novas hierarquias que, com o papel do leitor, produzirão um efeito.

Intitulado “Oito de setembro”, o artigo do Jornal consiste em uma versão reduzida do capítulo produzido pelo monsenhor Landim (1936): 14 de julho é a data de fundação do Jornal, propositalmente lançado na efeméride da Revolução Francesa como elemento contra-discursivo, e a escolha pelo texto do monsenhor indica que ele podia ser estratégico para o projeto do Jornal, projeto este que visava disseminar a ordem, em uma sociedade entendida como anárquica. Assim sendo, o padre João Maria aparece aqui não somente como um Santo, mas, sobretudo, como um elemento essencial de disseminação da ordem.

O texto escrito para o Jornal *A Ordem* começa com a metáfora do “sacerdote integral”, mas todos os atributos recorrentes no livro não são trabalhados: zelo pelas almas, desprezo pelos bens materiais e pregação “do céu” por meio do exemplo de vida e, sobretudo, da atividade como jornalista são os elementos retomados. Então, esse texto procura apresentar o padre João Maria como um exímio jornalista, de modo a estabelecer o Jornal *A Ordem* como continuador de uma linha de raciocínio visível desde o século XIX. A escrita do monsenhor Alves Landim funcionaria, assim, como um elo entre vários interesses da Diocese, tais como piedade e culto, Moral de Costumes, Doutrina Católica e problema econômico-social (A ORDEM, 15 jul. 1935).

Monsenhor Landim mostra que a fundação do Jornal *Oito de Setembro* ocorreu por conta da perspicácia do padre João Maria, que notara as críticas à fé católica em Natal. Com o novo Jornal, o Santo o fez a “verdadeira voz da paróquia”, esforçando-se por mantê-lo até durante toda a sua vida. O período de manutenção do Jornal foi de “anos de luta” e de “vitória concretizada”.

O esforço do padre João Maria, conforme monsenhor Landim apresenta, não se intimidou em pedir recursos financeiros aos seus paroquianos, apelando para a generosidade

dos fiéis católicos. Pelo seu papel de destaque como jornalista, ele seria um sacerdote muito diferenciado:

Qual o sacerdote que mesmo nos tempos de hoje, logra bom êxito nas tentativas de um *jornal doutrinário*, noticioso, de boa orientação que sirva de *órgão de defesa e propagação da fé*?! (LANDIM, 1935, p. 2, grifo nosso).

Um jornalista com um jornal doutrinário. O jornalismo como propagação e defesa da fé católica. É essa a imagem do padre João Maria no Jornal *A Ordem*. Assim procedendo, a Diocese de Natal entende ser o referido padre uma figura digna de respeito e importante para a definição de sua identidade, ou seja, para a resposta à pergunta “O que eu sou?”. Dado o campo de atuação da imprensa católica, podemos argumentar que isso atrelou a imagem do padre João Maria a uma determinada identidade católica, de uma forma que entendia a imprensa como uma verdadeira voz da paróquia. Tal identidade foi constituída em oposição ao comunismo e à maçonaria. O processo de beatificação do padre João Maria prova o alcance que ela tem e o fato do primeiro número do Jornal ter sido lançado no dia 14 de julho de 1935 nos esclarece muito nesse sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 1933 e 1936, monsenhor Alves Landim atuou como representante (e não apenas integrante) da Diocese de Natal. No contexto da “Crise de 1935”, ele escreveu sobre o padre João Maria apontando a sua forma de ser católico como oposta ao comunismo e à maçonaria. Essa forma, simbolizada pela metáfora do “sacerdote integral”, foi aceita por muitos católicos. De tal modo que o recém-criado Jornal *A Ordem*, órgão oficial da Diocese, incorpora a narrativa do monsenhor Landim acerca do padre João Maria, ratificando uma identidade católica pautada nele, de modo a ligar os seus vários campos de atuação. Para tanto, o Jornal dá novo sentido à metáfora do “sacerdote integral”.

O estudo acerca da presença do padre João Maria na narrativa do monsenhor Alves Landim permite o esclarecimento acerca do surgimento de novas formas de manifestações religiosas dentro do catolicismo, bem como da forma de atuação política da Igreja no Rio Grande do Norte no período pós-1930, particularmente, em pontos que podem ser aprofundados futuramente:

1) A formação dos integrantes da Igreja, sobretudo os clérigos, na passagem do Império à República, uma vez que o padre João Maria viveu totalmente no século XIX e o monsenhor Landim, a infância. Assim, estudar a formação deles poderá ser útil para o desvendamento das matrizes de pensamento que embasaram a atuação da Igreja durante a Primeira República.

2) A relação entre identidades católicas e a leitura e intervenção católica no campo da espacialidade, pois monsenhor Landim atribuiu a ideia de criação de uma Nova Catedral ao padre João Maria. Fato é que na imprensa norte-rio-grandense da década de 1930 são relatados os esforços de construção de tal Catedral recorrentemente e nas irmandades, isso também era enfatizado. Assim, entendemos que a ideia de uma Nova Catedral tem um peso simbólico muito forte, haja vista que na “antiga” estão enterrados os corpos da elite política do Estado.

3) O papel das irmandades leigas na concretização das ações políticas da Igreja na década de 1930, dado até então ignorado pela historiografia, problema este que se torna importante para nossa aproximação uma vez que as irmandades se caracterizaram por aglomerar a elite intelectual e econômica do Estado: homens como Silvio Pedrosa, Tavares de Lyra e, notem, monsenhor Landim, fizeram parte delas.

REFERÊNCIAS

24 DE OUTUBRO. *A República*, Natal, 24 out. 1941.

A GRANDE assembléa geral do domingo último. *A República*, Natal, 28 set. 1934.

ALMANAK DO RIO GRANDE DO NORTE. Natal: Renaud e Empreza Graphica, 1897.

ALVES, Dom José Pereira. *Carta pastoral saudando os seus diocesanos*. Recife: Livraria Americana, 1923.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público do Recife no século XIX*. São Paulo: Humanitas, 2004.

BARROS NETO, Manoel do Rêgo. *A caminho da caridade*. Natal: Barros Neto, 2002.

BEZERRA, Monsenhor Severino. *Levitas do Senhor*. Natal: Fundação José Augusto, 1985, v.1.

CABRAL, padre J. *A miragem soviética*. Petrópolis: Vozes, 1933.

_____. *A Questão Judaica*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1936.

_____. *Igreja e Marxismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

_____. Um perfil de sacerdote. *A Ordem*, Natal, 29 nov. 1936.

CALDAS, Theodorico Guilherme Coelho. *Relatório apresentado pelo provedor*. Natal: [s.n.], 1936. (Acervo da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos).

CARMO, Monsenhor Luiz Gonzaga do. O Congresso Eucarístico de Buenos Ayres. *A República*, Natal, 15 set. 1934.

FAGUNDES, Antonio. *Vida e apostolado de Dom Joaquim Antônio de Almeida*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

FERRARO, Alceu Ravello. *Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of Presence: What Meaning Cannot Convey*. California: Stanford University Press, 2004.

IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO. *Reuniões de 1933*. Natal: [s.n.], 1933. (Acervo da Irmandade do Santíssimo Sacramento).

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996, v.1.

LANDIM, Monsenhor José Alves. Carta ao sr. Nizário Gurgel. In: PROCESSOS CRIMINAIS DO LEVANTE COMUNISTA DE 1935. Caixa não numerada, fl. 2453. (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte).

_____. Oito de setembro. *A Ordem*, Natal, 14 jul. 1935.

_____. *Segundo Livro de Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (1930-1944)*. Natal: [s.n.], 1930-1944. (Acervo da Cúria Metropolitana de Natal/RN).

_____. *Sob a poeira dos caminhos*. Recife: Imprensa Industrial, 1950.

_____. *Um perfil de sacerdote*. Natal: Imprensa Industrial, 1936.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANOEL, Ivan. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: EDUEM, 2004.

MEDEIROS, José Mario de. *Dom Marcolino por ele mesmo*. Natal: Editora da UFRN, 2009.

MELQUIADES, José. *A vida de padre João Maria*. Natal: sem editora, 1977. (Acervo da Cúria Metropolitana de Natal/RN).

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira (1890- 1930)*. Tese. (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1985.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NAZARENO, Israel. Saudação a Alves Landim. *Revista da Academia Potiguar de Letras*, n. 1, p. 97-105, 1951.

O CONGRESSO eucarístico Internacional de Buenos Ayres. *A República*, Natal, 03 jan. 1935.

O SANTO Padre manda uma bênção especial ao Mons. J. Alves Landim. *A Ordem*, Natal, 24 jul. 1936.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. *Pe. João Maria- o “Santo de Natal”*. Natal: Editora Gráfica, 2010.

PEIXOTO, Renato Amado. A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e a nacional por meio do caso norte-rio-grandense. In: *Anais do VI Simpósio Internacional Estados Contemporâneos*. Natal: UFRN, 2012. v. 1. p. 294-301. Disponível em: <http://www.academia.edu/3694330/A_Crise_de_1935_no_Rio_Grande_do_Norte_a_tensao_entre_as_identidades_estadual_e_nacional_por_meio_do_caso_norte-rio-grandense>. Acesso em: 26 out. 2013.

_____. Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935. In: *Anais do IV Encontro Estadual de História*. Natal: UFRN, 2010, p. 1-11 (a). Disponível em: <http://www.academia.edu/4896450/Catolicos_a_postos_A_relacao_entre_a_Acao_Catolica_e_a_Acao_Integralista_no_Rio_Grande_do_Norte_ate_o_Levante_Comunista_de_1935>. Acesso em: 26 out. 2013.

_____. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX'. *Revista de História Regional*, v. 15, p. 169-193, 2010 (b).

_____. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX'. In: Renato Amado Peixoto (org.). *Nas trilhas da representação: trabalhos sobre a relação história, poder e espaços*. Natal: Editora da UFRN, 2012.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RÜSEN, Jörn. Tradition and Identity: Theoretical Reflections and the European Example. *Taiwan Journal of East Asian Studies*, v. 1, n. 2, December, p. 135-158, 2004.

_____. Tradition: a principle of historical sense-generation and its logic and effect in historical culture. *History and Theory*, n. 51, December, p. 45-59, 2010.

SECTORES de acção. *A Ordem*, Natal, 15 jul. 1935.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. *A Questão Religiosa no Rio Grande do Norte: o conflito entre Maçonaria e Igreja Católica no século XIX*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2011.

SOARES, Antonio. O 35º aniversário da morte do padre João Maria. *A República*, Natal, 24 out. 1940.

SOARES, Boanerges (org.). *Padre João Maria*. Natal: Ave Maria, 1956.

SPINELLI, José Antônio. *Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930-1935*. Natal: Editora da UFRN, 1996.